

“Jovem, playboy e estudante não colam aqui”: a gentrificação na CLN 412/413 (Brasília/DF) enquanto contradições e coexistências

“Young’uns, playboys and students don’t hang around here”: gentrification in CLN 412/413 (Brasília/DF) as contradictions and coexistences

“Aquí no vienen los jóvenes, playboys ni estudiantes”: la gentrificación en CLN 412/413 (Brasília/DF) como contradicciones y convivencias

Herbert Bachett¹

Orcid: 0009-0006-3555-8751

Rafael Moreira da Silva de Oliveira²

Orcid: 0000-0003-2039-5268

Resumo

As transformações de espaços sociais a partir dos processos de gentrificação estão no centro dos debates sobre os fenômenos urbanos contemporâneos. Entretanto, há uma tendência dos especialistas em estudar estes processos sob uma perspectiva macrossociológica. Este artigo tem como objetivo discutir a dinâmica microssocial da gentrificação de um espaço social específico, a partir de um estudo de caso sobre a quadra CLN 412/413, localizada na Asa Norte do Plano Piloto de Brasília - DF. Por meio de observações participantes e entrevistas episódicas com os trabalhadores e consumidores, buscamos responder: há o processo de gentrificação na quadra? A hipótese é que sim. Além disso, buscamos compreender como se configura a dinâmica socioespacial da quadra em diferentes localidades e temporalidades (dia e noite). Os resultados corroboraram a hipótese, mas não totalmente. Não foi possível aferir positivamente todas as variáveis que qualificam o processo de gentrificação. Embora exista um reinvestimento de capital e uma transformação elitizante de alguns espaços físicos, não foi constatada uma renovação social por grupos de maior renda em outros. Pelo contrário, encontramos a renovação social por parte de grupos de trabalhadores, consumidores noturnos e estudantes, de modo que há um fluxo de classes inverso ao processo de gentrificação tradicional: os mais pobres também estão adentrando a quadra, seja nos comércios “alternativos” ou casas de massagem, moradias adaptadas nos subsolos e salas comerciais, seja ainda na vida noturna simbolizada pela ocupação masculina, uso de drogas, automóveis e som alto. Entretanto, ainda encontramos uma dominação elitista na área, o que nos leva a indicar a incidência eficaz de mecanismos de manutenção de um *status quo* elitizado como um fator a mais a ser levado em conta em análises microssociológicas sobre o fenômeno da gentrificação.

Palavras-chave: gentrificação; Brasília - DF; espaço social; microssociologia; Sociologia Urbana.

1 Doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília (PPGSOL - UnB), é licenciado e bacharel em Ciências Sociais e mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Integrante do Laboratório de Estudos sobre Governança da Segurança (LEGS-UEL) e do Núcleo de Estudos sobre Violência e Segurança (NEViS-UnB). E-mail: bachett@outlook.com. Lattes ID: lattes.cnpq.br/0753551671313975.

2 Mestrando em Sociologia pela Universidade de Brasília, é licenciado em Ciências Sociais e bacharelado em Sociologia pela mesma instituição. É coordenador no gabinete parlamentar do Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania e colaborador do Núcleo de Estudos sobre Violência e Segurança (NEViS-UnB). E-mail: rafaelmoreira.soc@gmail.com. Lattes ID: lattes.cnpq.br/0048941271342072.

Abstract

The transformations of social spaces as a result of gentrification processes lie at the core of the contemporary debates on urban phenomena. However, there is a tendency of specialists to study these processes from a macro-sociological perspective. This article aims to discuss the microsocial dynamics of the gentrification of a specific social space, based on a case study on CLN 412/413 block, located in the North Wing of the pilot plan in Brasília/DF. Throughout observations and episodic interviews with employees and clients of the area, we seek to answer: is there a gentrification process on this block? The hypothesis is yes. In addition, we seek to understand how the socio-spatial dynamics of the block are set in different locations and temporalities (day and night). The results confirmed the hypothesis, but not completely. It was not possible to verify all the gentrification processes features. Although there is a reinvestment of capital and an elitist transformation of the physical space, a social revolution by higher income groups was not observed. Rather, we find higher incidence of workers groups, night shoppers and students, thus there is a flow of classes inverse to the traditional gentrification process: the poorest are also entering the block, whether in “alternative” shops, massage parlors, adapted housing in the basements and commercial rooms, or in the nightlife symbolized by male occupation, consumption of drugs, automobiles and automotive sound.

Keywords: gentrification; Brasília - DF; social space; microsociology; Urban Sociology.

Resumen

Las transformaciones de los espacios sociales a partir de procesos de gentrificación están en el centro de los debates sobre los fenómenos urbanos contemporáneos. Sin embargo, existe una tendencia de los especialistas a estudiar estos procesos desde una perspectiva macrosociológica. Este artículo tiene como objetivo discutir la dinámica microsocial de la gentrificación de un espacio social específico, a partir de un estudio de caso en el bloque CLN 412/413, ubicado en el Ala Norte del Plan Piloto en Brasília/DF. A través de observaciones participantes y entrevistas episódicas con trabajadores y consumidores del espacio, buscamos responder: ¿hay un proceso de gentrificación en la cuadra? La hipótesis es sí. Además, buscamos comprender cómo se configuran las dinámicas socioespaciales de la corte en diferentes lugares y temporalidades (día y noche). Los resultados corroboraron la hipótesis, pero no completamente. No fue posible evaluar positivamente todas las variables de identificación del proceso de gentrificación. Si bien hay una reinversión de capital y una transformación elitista del espacio físico, no se observa una renovación social por parte de los grupos de mayores ingresos. Por el contrario, encontramos la incidencia de grupos de trabajadores, compradores nocturnos y estudiantes, de forma que se produce un flujo de clases inverso al proceso de gentrificación tradicional: los más pobres también están entrando en la manzana, ya sea en comercios “alternativos” y viviendas adaptadas, en los sótanos y locales comerciales, o en la vida nocturna simbolizada por la ocupación masculina, consumo de drogas, los automóviles y la música automotiva.

Palabras Clave: gentrificación; Brasília - DF; espacio social; microsociología; Sociología Urbana.

1. Introdução

Dentro das transformações recorrentes das cidades modernas, um dos principais fenômenos estudados pela Sociologia Urbana contemporânea é o processo de gentrificação: o enobrecimento de determinados territórios, fruto das assimetrias e de dominações que formam e conformam desigualdades sociais e se desvelam no cenário urbano capitalista. Tal processo se tornou uma “problemática obrigatória”³ a partir dos anos 70 e 80, quando as grandes cidades norte-americanas e europeias iniciaram uma revitalização de suas zonas centrais.

Na década de 1990, a gentrificação se intensificou quando as revitalizações ganharam *status* de política urbana, desde o início associada ao *marketing* do consumo. Como destacam Guimarães e Almeida (2019), muitos estudos têm indicado que essa dinâmica de enobrecimento remete à produção de “um espaço associado às práticas globais de consumo, alterações nos padrões de sociabilidade, homogeneização de paisagens comerciais e residenciais e, especialmente, a um caráter segregacionista” (GUIMARÃES; ALMEIDA, 2019, p. 2; PACHECO, 2020).

Fruto de pesquisas de campo empreendidas como parte das atividades propostas pela Dra. Haydée Caruso, professora de *Cidade e Sociabilidade Urbana*, disciplina do Programa de Pós-graduação

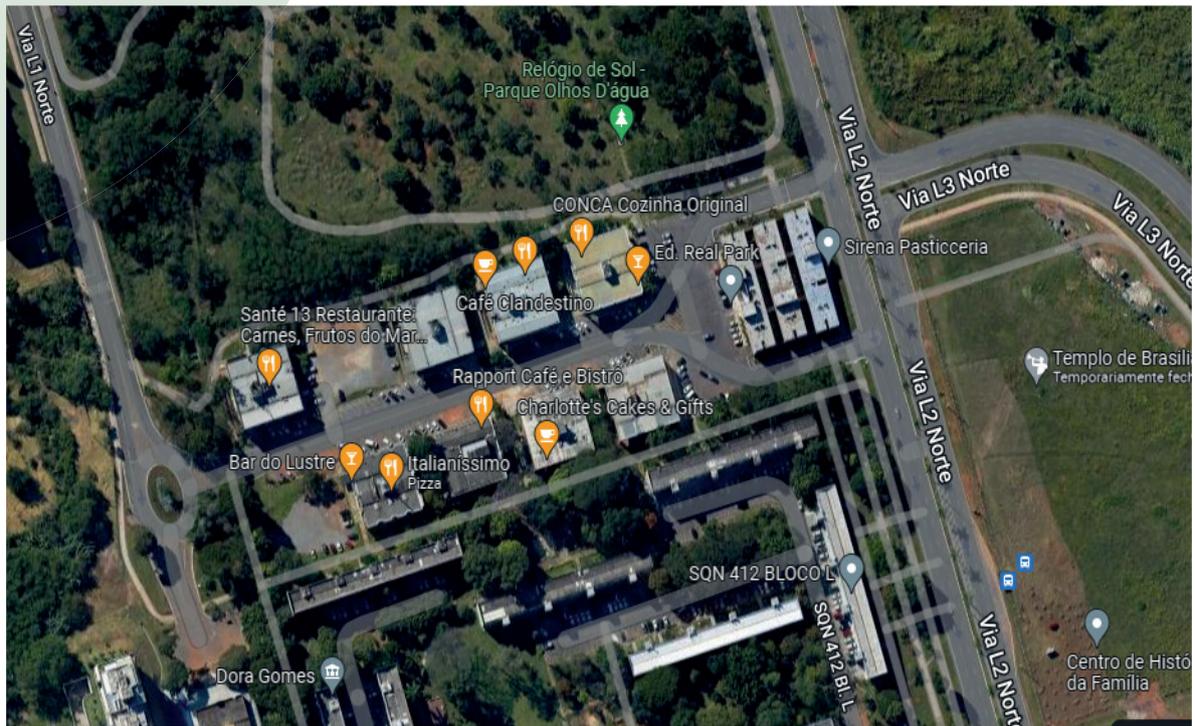
em Sociologia da Universidade de Brasília no segundo semestre de 2022, este artigo tem como objetivo analisar o fenômeno da *gentrificação* por meio de um olhar micro-sociológico, atento às suas características e às transformações cotidianas, mediante um estudo de caso sobre a CLN 412/413, localizada na Asa Norte de Brasília – DF, como pode ser vista na Figura 1.

A sigla CLN significa Comércio Local Norte, que no interior da SQN, Super Quadra Norte, compõe uma quadra típica da Asa Norte de Brasília, que assim como todo o Plano Piloto, está dividida em setores comercial e residencial. Com efeito, denominamos o campo apenas de CLN, porque não visitamos a área propriamente residencial da quadra. Em verdade, a SQN 412/413 carrega particularidades, ao contrário das outras superquadras, onde há uma área residencial e o Parque Olhos D’Água, que ocupa o que seria a área residencial da 413. Trata-se de um parque ecológico originado de “uma área pertencente a uma das diversas fazendas existentes no Plano Piloto de Brasília antes da definição do quadrilátero do Distrito Federal” (GOMES, 2004, p. 19) e teve sua área reservada para a preservação de uma nascente (GUIMARÃES; ALMEIDA, 2019). Hoje, o parque separa a CLN 413 e a SQN 415.

A Figura 1 mostra a CLN, onde de um lado se encontra o parque e do outro a área residencial da SQN 412.

3 Nos termos de Bourdieu (2001).

Figura 1 – Imagem de satélite da CLN 412/413



Fonte: Google Maps.

Guimarães e Almeida (2019) encontraram no entorno do Parque Olhos D'água, incluindo a CLN 412/413, um exemplo de “gentrificação verde”, o que denominamos como um “efeito clube”⁴ de comércios alimentícios de alto custo voltados para o público que frequenta o parque e os moradores da região. Entretanto, a análise é centrada no investimento de capital na região, já que analisa entrevistas dos donos e dos gerentes dos estabelecimentos comerciais, observando, assim, apenas as mudanças financeiras e físicas, ocasionadas pelos investimentos imobiliários e nas lojas.

De modo inverso, neste trabalho analisamos entrevistas com trabalhadores e consumidores da quadra em específico, procurando compreender como se deram e dão essas transformações gentrificadas no nível das relações sociais cotidianas – indo além das relações econômicas, alcançando as sociabilidades nos restaurantes, bares, na conveniência da rua e no uso social dos espaços do subsolo e das salas comerciais. Deste modo, acreditamos ser possível aferir se fatores ligados à gentrificação estão atuando na quadra, especialmente i) a renovação social por grupos de maior renda e o ii) desloca-

4 Segundo Bourdieu, trata-se da formação de espaços “mais fechados e seletos”, de “pessoas e coisas que se assemelham naquilo em que são diferentes da grande maioria”, e que por isso necessita e despende capital simbólico e social (BOURDIEU, 2013, p. 140). Um exemplo antagônico são os guetos europeus ou as periferias brasileiras, expressão inversa dos clubes. Enquanto nos clubes as pessoas se consagram simbolicamente, acessando os lucros do pertencimento através da exclusão ativa dos indesejáveis, os guetos são a residência destes indesejáveis e, enquanto tal, degrada simbolicamente seus habitantes, unidos pelo estigma da exclusão dos meios de participação dos jogos sociais (WACQUANT, 2001; 2004; VALLADARES, 2005; GUELLATI, 2014).

mento direto ou indireto de grupos de menor renda.

A partir das observações de campo e da análise dos discursos (ORLANDI, 2020) alcançados em entrevistas episódicas (FLICK, 2003), pretendemos compreender como se configura a economia das trocas materiais e simbólicas neste espaço social, tendo como fonte as descrições e representações dos trabalhadores e consumidores dos comércios diurnos e noturnos da quadra. A hipótese é que, na mesma lógica dos achados de Guimarães e Almeida (2019), e de acordo com as variáveis que qualificam o processo de gentrificação (PACHECO, 2020), há uma elitização do espaço social, onde a presença de classes endinheiradas tem tomado os lugares de sociabilidades populares e peculiares das classes médias e baixas.

O artigo está dividido em cinco partes. Além desta introdução, há uma seção para a revisão, enquadramento do objeto e problematização teórica, seguida pela seção metodológica, que explica os materiais e métodos utilizados. A terceira seção carrega a discussão, enquanto as considerações finais objetiva sintetizar a discussão e indicar as inferências que podem contribuir para o debate sociológico sobre a gentrificação.

2. Uma teoria da desigualdade urbana: o espaço social e o processo de gentrificação enquanto teoria sociológica

A origem dos estudos sobre os processos de gentrificação tem como marco a Ecologia Urbana e da Escola de Chicago (WIRTH, 1979; PARK, 1979; OLIVEN,

1980; BECKER, 1996). Hoje, das explicações teóricas sobre o fenômeno, duas têm destaque: a de Hoyt (1933; 1939) e a de Ley (1994). A de Hoyt parte do processo de *filtragem residencial*, que se define em quatro etapas: i) os grupos mais ricos se expandem a partir dos centros das cidades; ii) a classe média acompanha o movimento de expansão; iii) a deterioração da infraestrutura das áreas centrais leva as classes ricas a preferir as periferias; iv) com o esvaziamento do centro, há uma filtragem dos grupos de renda e sua ocupação no espaço segundo as capacidades de consumo (DA GUIA, 2006; PACHECO, 2020). Como se percebe, a perspectiva de Hoyt tem como fundamento o mecanismo de filtragem a partir da capacidade de consumo dos diferentes grupos.

Já Ley (1994) inverte a lógica do modelo de Hoyt, de modo que o propulsor do processo não é o consumo, mas a *produção*: “oposto ao filtrado de Hoyt, para Ley (1994), os antigos bairros centrais deteriorados ou estigmatizados são revalorizados a partir do (re)desejo por parte dos grupos de alto poder aquisitivo” (PACHECO, 2020, p. 23). Smith (2012), por sua vez, propõe uma síntese do debate entre os dois. Para ele, fatores econômicos são mais importantes que os fatores culturais, mas consumo e produção não são processos concorrentes e distintos: estão interligados. Portanto, o catalisador da gentrificação é o *mercado imobiliário*, que movimenta e altera o valor do espaço (SMITH, 2012).

Esta é, porém, uma bibliografia do norte global. Como atenta Pacheco (2020) por intermédio de de Less, Slater e Wyly

(2010), há particularidades nos processos de gentrificação no sul global, relacionadas aos processos de suburbanização periférica e suas consequências. Ou seja, por aqui é preciso atentar-se para onde vão os pobres e as classes médias-baixas despejadas dos centros revalorizados. Soma-se a isso a maior permissividade e participação do Estado na exploração do mercado imobiliário, além das construções de condomínios fechados nas periferias – um exemplo do processo de gentrificação fora das áreas centrais (CALDEIRA, 2002). Essa descentralização dos estudos sobre gentrificação tem sido encabeçada pelos estudos pós-coloniais, que buscam uma teoria autônoma frente aos cânones do norte. Enquanto teoria própria ao sul global, a gentrificação ainda é um tema em desenvolvimento e que desafia os estudiosos do urbanismo (PACHECO, 2020).

Para além do caráter pós-colonial das críticas ao conceito da gentrificação, cabe destacar que empreender um estudo de caso sobre o tema, em Brasília, carrega suas idiossincrasias. Por se tratar de um campo compreendido no Plano Piloto da capital federal, estamos falando de um espaço não só planejado, como estritamente regulado pelo Estado, que impede determinadas formas de modificação estrutural e/ou densificação populacional. Esse é um fator que exerce peso considerável na morfologia urbana da capital, da quadra e, em paralelo, em suas ocupações valorativas. Como veremos na discussão, os limites legais da regulação da patrimonialização do Plano Piloto se revela nos desafios de rentabilização dos espaços por parte de agentes do mercado – imobiliá-

rio principalmente. Resultando em formas peculiares e informais de renovar a exploração de espaços cuja função original era outra, driblando possíveis litigâncias inerentes à administração urbana brasiliense.

De qualquer modo, o tema central da teoria da gentrificação – e que neste trabalho nos interessa – é o processo de transformação de áreas centrais e periféricas da cidade, relacionadas aos processos econômicos e políticos amplos ou específicos, globais ou locais. Como sustenta Smith, a gentrificação é uma forma particular de produção desigual do espaço, própria de sociedades capitalistas.

Clark (2005) é mais específico: ela é uma mudança de usuários do solo, com uma classe socioeconômica que se impõe e substitui uma outra de menor poder. Essa transformação seria visível no ambiente físico, graças ao investimento de capital para a dominação simbólica e/ou a rentabilidade do espaço. Existem quatro pontos fundamentais que identificam o processo de gentrificação – e que são as variáveis independentes de nossa análise: i) reinvestimento de capital; ii) renovação social por grupos de maior renda; iii) mudanças na paisagem física; iv) deslocamento direto ou indireto de grupos de menor renda (LEES; SLATER; WYLY, 2010).

Embora nosso objeto teórico de análise seja o processo de gentrificação, partimos de um pressuposto distinto do geralmente empregado sobre o tema. Assumimos e estendemos a crítica de Magnani (2002, p. 14) sobre a ausência dos atores sociais nos olhares sociológicos sobre a cidade, muitas vezes sendo entendida como uma entidade à parte de seus moradores – “pensada como

resultado de forças econômicas transnacionais, das elites locais, de *lobbies* políticos, variáveis demográficas, interesse imobiliário e outros fatores de ordem macro; [...] um cenário desprovido de ações, atividades, pontos de encontro, redes de sociabilidade”.

A bibliografia sobre gentrificação, especialmente Guimarães e Almeida, que estudaram a gentrificação do mesmo espaço social aqui analisado, se encaixa nesta crítica, afinal, como revisamos, “quando aparecem atores sociais, são os representantes do capital e das forças do mercado” (MAGNANI, 2002, p. 15). Com efeito, entendemos que “os moradores propriamente ditos, que, em suas múltiplas redes, formas de sociabilidade, estilos de vida, deslocamentos, conflitos etc., constituem o elemento que em definitivo dá vida à metrópole, não aparecem, e quando o fazem, é na qualidade da parte passiva” (Ibidem).

Como introduzimos, neste trabalho estamos preocupados em identificar e analisar as transformações do espaço social urbano em nível microsociológico, o que significa dar atenção para os atores em suas práticas e relações cotidianas – “para além da perspectiva e interesse do poder, que decide o que é conveniente e lucrativo” (Ibidem) – que expressam, produzem e reproduzem formas de dominação, segregação e resistência, específicas e localizadas. De certa forma, buscamos lançar luz para âmbitos do fenômeno que Guimarães e Almeida não alcançaram por razão dos instrumentos e dos procedimentos metodológicos adotados.

Ainda assim, é interessante indagar o que encontraremos sobre a “gentrificação verde” por meio de uma proposta microsociológica, que é capaz de complementar e/ou tensionar os achados destes autores.

3. Materiais e métodos

Os dados foram obtidos a partir de duas estratégias combinadas: observação participante (VALLADARES, 2007) e entrevistas episódicas (FLICK, 2003). Os discursos presentes nas entrevistas foram analisados por meio de análise de discurso (ORLANDI, 2020). É importante destacar que todos as entrevistas foram efetivadas sob a autorização dos entrevistados sobre o uso de seu conteúdo e para a anonimização de suas identidades, todos os entrevistados estão referidos mediante pseudônimos. Essas entrevistas seguiram basicamente quatro fios condutores⁵, visando compreender i) como é a experiência e representação dos trabalhadores sobre o trabalho e a vida na área?; ii) qual era a diferença entre dia e noite naquela área?; iii) qual era o público da quadra?; iv) quais suas segregações e como elas se expressam?

A observação de campo se deu entre os dias 15 e 22 de agosto de 2022, na forma de visitas diárias, em alguns dias realizadas junto de alguns alunos, e individualmente em outros.

Durante os cinco dias da semana, as visitas foram realizadas de maneiras diferentes a cada dia. Primeiro, um grupo de dez

5 Chamamos de fios condutores porque, vista a abordagem teórico-metodológica com o uso de entrevistas episódicas, a própria informalidade da entrevista não-estruturada pode levar os interlocutores a levantarem temas diversos, já que os discursos inerentemente se referem à experiências cotidianas vividas ou sabidas.

alunos se reuniu na quadra e fez uma caminhada pela área, para uma observação preliminar, buscando conversar com quem estivesse disponível. Ao fim da caminhada, o grupo visitou quitinetes e salas disponíveis para aluguel.

Já no segundo dia, um grupo menor voltou à quadra para buscar entrevistas com comerciantes, e o terceiro dia foi dedicado a uma interlocutora em especial (Bruna). No último dia, visitamos uma conveniência 24 horas enquanto consumidores, com o intuito de interagir com os consumidores do local, além de observar a movimentação do principal ponto da vida noturna da quadra. Se em alguns momentos, como nos casos de entrevistas específicas, indicamos nossos objetivos enquanto pesquisadores; durante as observações nos mantemos anônimos e relativamente distantes. No total, foram entrevistadas 15 pessoas: seis mulheres e nove homens, entre a faixa etária de 27 e 56 anos.

Para a análise dos dados coletados, tomamos a gentrificação como variável dependente. As variáveis independentes correspondem aos fatores fundamentais para a identificação do processo de gentrificação, segundo Less, Slater e Wyly (2010): i) reinvestimento de capital; ii) renovação social por grupos de maior renda; iii) mudanças na paisagem física; iv) deslocamento direto ou indireto de grupos de menor renda. Embora o modelo de variáveis seja próprio de modelos de inferências causais, neste trabalho as compreendemos em um sentido *figuracional*, em que as variáveis não têm determinação, mas interdependência, de modo que se interferem mutuamente na composição do quadro explicativo sobre o fenômeno em tela.

Diante desse aparato teórico-metodológico, buscamos responder à seguinte pergunta: há gentrificação na CLN 412/413? Para isso, também buscamos compreender como se configura a economia de trocas materiais e simbólicas neste espaço.

4. Discussão e inferências

A primeira visita à quadra CLN 412/413 ocorreu no dia 15 de agosto de 2022, uma segunda-feira. A ideia de visitar a quadra foi levantada pela professora Caruso, que já havia visitado a quadra enquanto consumidora das padarias e dos restaurantes locais. Sua impressão era que aquela quadra era um ambiente bastante elitizado, se destacando na Asa Norte. Por isso, aconselhou a turma a observar a dinâmica social que constitui a área enquanto exercício complementar para a disciplina da qual participamos. Guimarães e Almeida (2019), em estudo de caso sobre a gentrificação na área da CLN 412/413, destacaram como o início de seu processo remete à própria origem da ocupação da quadra:

[...] muitas quadras da Asa Norte só foram efetivamente ocupadas a partir do final da década de 1990. Neste processo de ocupação, em 1994, a implantação do Parque Olhos D'água [...], uma pertinente e necessária estratégia para a preservação da nascente e de um pequeno trecho de cerrado que ainda restava naquela área, teve uma repercussão pública que nos parece muito próxima do conceito cunhado por Kenneth Gould e Tammy Lewis

(2017), a chamada “gentrificação verde”. (GUIMARÃES; ALMEIDA, 2019, p. 5)

Entendendo que a ocupação da quadra se dá num contexto de valorização, devido ao Parque Olhos D’Água, inferimos que o investimento de capital está na origem da ocupação da CLN 412/413, sendo alvo de negócios que buscavam um público de padrões de consumo elitizados, aproveitando-se do ambiente que atendia às primeiras propostas modernistas características da construção de Brasília, em que uma urbanidade cosmopolita e um planejamento urbano que trouxesse à memória a vida pacata nos subúrbios se combinavam (SILVA, 2016; GUIMARÃES; ALMEIDA, 2019).

Do mesmo modo, o fator de *renovação* social por grupos de maior renda não será encontrado, porque não há uma incidência inicial de classes populares, pelo contrário, a própria ocupação inicial já teve o caráter elitista e privilegiado de comércios voltados para o consumo das classes médias-altas da região do parque e da Asa Norte do Plano Piloto. Passados cerca de 28 anos desde sua ocupação, nossa visita ao campo demonstrou que a atividade comercial em geral permanecia sob os mesmos parâmetros.

No comércio da 412, os cafês e restaurantes possuíam *design* e decorações requin-

tadas e que remetem ao *gourmet*, indicando o refinamento dos produtos e por efeito, dos consumidores, com nomes que faziam referência à culinária italiana, francesa ou japonesa. Durante nossa primeira visita, todos os estabelecimentos estavam fechados, com abertura prevista para depois das 18 horas – horário sincronizado ao fim do expediente do mercado de trabalho formal e tradicional –, diferentemente do outro lado da rua, da 413, em que havia vários restaurantes e padarias abertos, mas quase vazios devido ao horário, de movimento mais baixo, entre 15 e 17 horas.

O entrelaçamento entre o investimento de capital e o espaço físico enquanto capital simbólico de distinção⁶ leva a um processo de transformação, inclusive dos espaços públicos, na busca dos novos estabelecimentos em aderir ao padrão estético de consumo elitizado. O caso mais marcante é de uma boleria que pintou o piso da calçada circundante (área pública) em um tom de rosa bastante chamativo, embora já desbotado. A intenção foi chamar a atenção de seu público-alvo nas redes sociais: as elites que procuram por espaços que remetem à ideia de luxo.

Essa boleria rosa alimenta e reproduz toda uma decoração que também remete à Inglaterra (como uma réplica de uma cabine telefônica londrina também instalada na área externa, com o tradicional vermelho dando lugar ao rosa), inclusive com homenagens e

6 O capital econômico se refere aos fatores de produção, renda, patrimônio ou bens materiais. Já o cultural se refere às qualificações intelectuais providas principalmente pela educação formal e familiar, que se expressam de três formas: incorporados no corpo (expressão oral); objetivos (posse de artes); e institucionalizados (diplomas e títulos). Por sua vez, o capital simbólico é referente à honra e ao reconhecimento (ritos, etiquetas e protocolos). O capital social se refere aos recursos produzidos pelas redes relacionais (BOURDIEU, 2018).

felicitações recorrentes à família real no *Instagram* – além do discurso e de uma estética feminina tradicional-conservadora⁷.

Para além do processo de reinvestimento de capital visando a manutenção e/ou atualização do *status quo* pretendido no espaço, há na quadra um outro processo de reinvestimento de capital, que se dá na ocupação das salas disponíveis para aluguel no segundo andar (acima das lojas) e nos subsolos dos blocos (abaixo das lojas). Planejadas e originalmente destinadas para abrigar comércios e escritórios, nos últimos anos é crescente o número de salas transformadas em moradias.

Na subseção que segue, exploramos e aprofundamos nosso olhar sobre este fenômeno. Argumentamos que o processo de gentrificação da quadra não é tão simples quanto o modelo teórico prevê. Enquanto no nível da rua, ou seja, das lojas, comércios e suas fachadas, se vê uma quadra gentrificada e voltada para um público elitizado, as salas parecem estar em um processo contrário à gentrificação, de “popularização”: estão se adaptando para receber trabalhadores, estudantes e pessoas de menor renda que, em busca de moradias próximas aos locais de trabalho e estudo no Plano Piloto, encontram nestes espaços preços mais acessíveis,

além de reduzir drasticamente o seu tempo de deslocamento. Se os trabalhadores e os estudantes demoram entre 1 e até 3 horas se deslocando das Regiões Administrativas periféricas para seus postos de trabalho e/ou estudo no Plano Piloto, na CLN 412/413 se está a pouco mais de 20 minutos a pé da Universidade de Brasília, até menos se o destino for o Instituto Federal de Brasília ou algum posto de trabalho nas quadras comerciais da região.

Temos, portanto, uma contradição no processo de gentrificação, que agora indica uma crescente coexistência entre classes e modos de vida – este último ponto será explorado na segunda subseção, voltada para a análise da noite na quadra.

Continuidades e transformações: entre fachadas e novas moradas

Iniciamos nosso campo nos dirigindo à 413. No primeiro prédio visitado encontramos uma zeladora, Mariana, oriunda do Piauí, que fugiu da violência doméstica para tentar a vida em Brasília. Perguntamos se ela sabia de quitinetes disponíveis para aluguel e ela assentiu, respondendo que haviam *salas* para alugar e ela seria a responsável por mostrá-las aos visitantes interessados.

7 Durante o campo e a análise das redes sociais, foi possível notar uma exaltação de uma representação da mulher que se assemelha à da personagem clássica das animações do estúdio Hanna-Barbera: Penelope Charmosa. Sempre vestida de rosa e botas brancas, Penélope é uma piloto loira, bonita e (herdeira) rica, cujo seu consultor privado é seu maior inimigo, sempre tentando sabotar suas aventuras para ter acesso livre à sua riqueza. Nos desenhos, é sempre retratada como a “patricinha” ingênua e indefesa, mas que consegue escapar das armadilhas graças a sua delicadeza, beleza e ajuda de homens apaixonados. A ideia de realeza, de princesa, se aproxima da visão de gênero heteronormativa e conservadora sobre a feminilidade, culminando na ideologia de consumo que a loja utiliza como estratégia para agregar valor e conquistar clientes.

Essa definição tem como referência a função original desses espaços, construídos para que fossem salas comerciais⁸, entretanto, com as mudanças nas dinâmicas socioespaciais da região, cada vez menos comerciantes e profissionais liberais as alugam. A solução dos proprietários manterem a procura e a renda dos aluguéis foi flexibilizar a oferta, agora abarcando *moradores* que procuram opções mais baratas na Asa Norte.

Entretanto, para isso é preciso algum investimento de capital na reestruturação do espaço, transformando as até então salas comerciais de cerca de 30 m² em quitinetes, ou no termo do mundo imobiliário, *studios*, onde não há separação de cômodos para além do banheiro – e é nele que se encontra o maior desafio para essa adequação. Sendo projetadas para o comércio, o banheiro é na verdade um lavabo, onde não há um espaço para o banho, além da ausência de janelas ou meios de ventilação. Desta forma, precisam improvisar a instalação de chuveiros, onde a fiação é passada exposta, pelo teto, de forma que os próprios furos improvisados também cumprem a função de aeração do cômodo. A inadequação, e até mesmo um certo risco, é evidente.

No subsolo, o quadro é ainda mais acentuado e insalubre. No Plano Piloto de Brasília as quadras comerciais possuem subsolo, projetado para comportar salas comerciais e/ou servir como espaço anexo às lojas

do térreo, enquanto depósito ou cozinha, por exemplo. Porém, na 412/413 este uso do espaço tem mudado.

Assim como as salas comerciais acima das lojas, abaixo delas o mercado imobiliário também encontrou na readequação para a moradia uma nova forma de rentabilizar estes espaços. Ou seja, a mesma dinâmica encontrada nas antigas salas comerciais sobre as lojas também contempla as salas dos subsolos dos blocos. O problema com os banheiros e a necessidade de chuveiro improvisado também se repetem, entretanto, o problema com a ventilação é generalizado. Ao contrário das salas superiores, no subsolo não há janelas. Os problemas típicos desses tipos de moradias são muitos: insetos, ratos, umidade, mal cheiro, alta temperatura, mofo, entre outros. Não à toa, o investimento de capital nestes espaços, por vezes, abarca, além do chuveiro, a disponibilização de mobília completa sob um aluguel barato – e a falta de ventilação geralmente não é citada nos anúncios dos principais *sites* de Brasília⁹.

A falta de luminosidade e/ou ventilação, o planejamento original voltado ao comércio ou à instalação de estruturas auxiliares, enfim, a ausência de condições ideais básicas para moradia, é o fator que determina o baixo valor do aluguel das “novas quitinetes”, superiores e subterrâneas. Temos portanto uma readequação da oferta destes imóveis para uma nova demanda, de pessoas interessadas em morar no Plano Piloto

8 Além de ser possível perceber a intenção da arquitetura das salas, muitas sem banheiro ou chuveiro, ou sem qualquer estrutura para cozinha, também notamos que havia vários pontos de fiação para telefonia e internet, característica presente em clínicas e escritórios. Um zelador nos relatou que o processo de saída das empresas privadas era recente, devido à crise econômica causada pela pandemia da Covid-19. Após certo tempo desocupadas, as imobiliárias se adaptaram para ofertar as mesmas salas para moradia.

9 Especificamente OLX e Wimóveis.

pagando menos, mesmo com as inadequações. Desta forma, a opção de morar no subsolo tem se tornado viável e, em certa medida, atrativa para trabalhadores ou estudantes que procuram locais próximos ao trabalho e/ou aos estudos. Com o transporte público ineficiente de Brasília, onde o metrô não atende a Asa Norte, o subsolo da 412/413 se tornou uma das opções de moradia daqueles que não querem despender horas em locomoção e também não podem pagar aluguéis de quatro dígitos, padrão da região.¹⁰

Com a entrada de moradores na dinâmica social de uma quadra comercial, o cotidiano também se alterou. Novos agentes e agências passam a tecer outras formas de relações – e novos problemas relacionais surgem, principalmente entre os comerciantes e os moradores. Um exemplo dessa nova configuração e o conflito entre os comerciantes e os moradores foi identificado durante uma entrevista na hamburgueria O Burguês. Os funcionários nos relataram a existência e o incômodo com uma moradora em específico, que habitava o subsolo de um dos prédios. Tratava-se de uma senhora candomblecista¹¹,

que supostamente abusava do uso de bebidas alcóolicas e alegava incorporar entidades sobrenaturais, causando diversas confusões, principalmente com os lojistas. O descontentamento inverso também se apresenta com alguns moradores reclamando do barulho que os comércios noturnos, voltados para a venda de bebidas e comidas, produzem.¹² Há ainda os conflitos entre os moradores das salas superiores ou da região e os do subsolo, com os primeiros manifestando desprezo às moradias subterrâneas.¹³

Mesmo com os conflitos, os funcionários e os trabalhadores na quadra têm consciência das motivações dos novos moradores: uma oportunidade de melhoria de qualidade de vida. O que parece contraditório se explica: assume os riscos e insalubridades, mas ganha economizando dinheiro e tempo perdido em transporte – além do *status* social de morar no Plano Piloto.

Neste sentido, não raro o “ser” trabalhador e morador se confundem na dinâmica da quadra, já que os funcionários são exatamente o público alvo dessa reorganização imobiliária, alugando as salas logo ao lado

10 Em um dos prédios da comercial, ao descer para o subsolo, o encontramos fechado por grades. No pátio interior do subsolo, havia um cão, de raça pitbull, solto no ambiente. Isto chamou a atenção do grupo, que resolveu tirar fotos, a título de registro para ser apresentado na disciplina. Neste mesmo momento, um homem abriu as cortinas de sua janela, que dava visão para fora do prédio, e irritado ele ordenou que não tirássemos fotos de seu cão e questionou o que fazíamos ali, como se todo aquele espaço fosse parte de sua residência.

11 O termo candomblecista foi empregado pelos autores, devido à falta de solidez sobre a definição da religiosidade da senhora descrita, nos relatos dos entrevistados.

12 Relatos de moradores do Edifício Real Park, na EQN 412/413, mostram um cotidiano caótico onde o barulho da conveniência de bebidas, situada em frente, que vende e concentra consumidores de álcool 24h por dia, é um problema sério. São muitas as reclamações, e que, inclusive, já chegaram ao nível judicial. Em um caso emblemático, um policial entrou em surto em uma manhã, gritando que era impossível descansar depois do plantão da madrugada porque ou era a obra do prédio ou os frequentadores da conveniência com som alto até a manhã. Segundo uma moradora, ele gritava que ali também era um “ponto vermelho” – jargão policial referente ao hot spot, uma forma de policiamento baseado no mapeamento de ocorrências – de tráfico conhecido da polícia.

13 Em outro caso de outro prédio, encontramos mais uma zeladora, que mostrou o prédio todo para o grupo de pesquisadores, inclusive as salas disponíveis para aluguel. Em algum momento da visita, um casal de arquitetos se juntou ao grupo para acompanhar as visitas às salas. No momento em que Laura, a zeladora, nos apresentou as salas do subsolo, os arquitetos manifestaram seu desprezo às condições de moradia e comentaram: “pagar mais barato para morar com as baratas”.

de seu local de trabalho. Alessandra, dona da franquia da hamburgueria O Burguês, procurava por uma moradia próxima à sua franquia. Enquanto isso, morava numa quitinete na CLN 715, com estrutura muito semelhante à da 412/413. O zelador de um dos prédios, Lúcio, já morava no subsolo da hamburgueria, logo abaixo de uma conveniência 24 horas. A dona de uma casa de massagem, que será tratada posteriormente, dormia no próprio estabelecimento enquanto não encontrava outro local próximo para morar.¹⁴

Dito isto, argumentamos que na quadra ocorre um processo de ocupação por parte de classes baixas em detrimento da ocupação da quadra por classes mais altas e/ou comércios, característico desde sua origem. Este processo nos leva a crer que há sim um reinvestimento de capital, como determina o processo de gentrificação para Lees, Slater e Wyly (2010) e é corroborado por Guimarães e Almeida (2019). Entretanto, este reinvestimento de capital foi voltado para a adequação dos espaços agora pouco demandados pelo público costumeiro, tornando-os “mais populares” e atraindo novas demandas, principalmente de trabalhadores e estudantes.

Por isso, argumentamos que o processo de renovação social por grupos de maior renda, outro indicador central de gentrificação, está, neste contexto, *invertido*: há um fluxo de trabalhadores e classes médias baixas para as áreas comerciais das quadras, ocupando os espaços periféricos, subalternos e escondidos dentro dos próprios blocos de prédios, e o comércio elitizado dominou e

continua dominando as fachadas e os espaços das ruas, ao mesmo tempo que as classes baixas passaram a substituir os profissionais liberais que, em grande maioria, eram os inquilinos anteriores das salas – dentistas, advogados, arquitetos etc.

A gentrificação, neste caso, é um processo muito mais complexo do que parece e aparece nos modelos macroeconômicos/macrossociológicos. É possível aferir que há diferentes fluxos de agentes e agências na quadra, sendo alguns contraditórios à hipótese de um processo generalizado de elitização do espaço. Nos subsolos e nas sobrelojas houve um fluxo recente, de dentro para fora, de profissionais liberais, escritórios e comércios, que deixaram a quadra. Ao mesmo passo, um duplo fluxo de fora para dentro também é identificado: enquanto moradias precarizadas e improvisadas foram percebidas como forma de reaquecer o mercado imobiliário com uma nova oferta, novos serviços também apareceram, porém em turno ou espaços “invisíveis” para os consumidores *gourmet*.

Por isso, podemos dizer que há um quadro de reinvestimento de capital que acarretou em mudanças físicas do ambiente, mas este processo não pode ser totalmente compreendido na chave da elitização. A elitização está circunscrita ao nível das lojas e nos outros espaços, pelo contrário, há um investimento por vezes mínimo de capital para que haja maior mais-valia sobre as novas moradias ou oportunidades de serviços voltados para as classes populares.

14 Até mesmo a senhora candomblecista, quando foi apresentada, foi descrita como uma “despachante” que trabalhava e se sustentava na região graças aos serviços ligados à sua religião.

*A noite tem mil olhos: o espaço urbano
enquanto coexistência de contraditórios*

No tocante ao consumo, um ponto da quadra se destacou em todos os relatos que ouvimos. Uma conveniência 24 horas recebia o título de “problema” da quadra, recorrentemente citada pelos trabalhadores:

aqui à noite é uma barulheira. Tem essa conveniência aqui do lado que é 24 horas e o pessoal bebe aí de cinco da tarde às cinco da manhã. Tem também o barulho dos motoboys, afinal meu movimento aqui é maioria de entregas. Eu mesma já recebi muita reclamação do barulho deles e tive que montar um esquema pra organizar eles aqui. Um espacinho pra eles ficarem mais afastados, pedir pra não fumarem nada aqui nem ficar de boqueira se não tiverem esperando pedido.

O relato de Alessandra, dona da O Burguês, representa a opinião geral sobre a conveniência, que foi tão citada ao ponto de motivar uma visita à ela, numa sexta-feira à noite (19 de agosto de 2022), horário de maior movimento por lá. No tardar da noite, por volta de 02h da manhã do sábado, alguns carros chegaram no estacionamento que dava para a fachada da conveniência e havia algo em comum entre eles: todos eram modelos esportivos, rebaixados, com faróis de *xenon* e som automotivo potentes.

Tocavam músicas do hip-hop brasileiro, como o grupo Tribo da Periferia e o artista Hungria Hip Hop. Dali, vários homens saíram e se dirigiram aos arredores da con-

veniência. Alguns começaram a fazer barras em um portal que servia para fixar os toldos de um bar ao lado¹⁵, outros foram direto para o caixa e gritaram para que a funcionária começasse a montar as mesas no lado de fora. Enquanto isso, dois homens circundavam o prédio de maneira errante, procurando cruzar olhares com qualquer pessoa e, quando conseguiam, soltavam ameaças e ofensas, desafiando-as para uma briga.

O público consumidor da conveniência era um público tradicional, que já se conhecia e assim nos reconhecia enquanto estranhos. Lá pudemos sentar com Márcio, um empreendedor de 37 anos que mora na Asa Sul, mas que nasceu na Ceilândia, conforme nos contou. Márcio definiu o entrevistador/interlocutor como “com cara de UnB”, e quis saber o que fazia na conveniência. Perguntamos se aquele não era o único evento “pós-festas” (que abre quando os outros pontos fecham) da Asa Norte, e ele respondeu que era sim um dos únicos estabelecimentos no Plano Piloto que vendia bebidas depois das duas da manhã, mas o público ali era sempre o mesmo, “jovem, *playboy* ou estudante não colam aqui não. Normalmente, eles têm algum apartamento pra ir”.

Se de dia os estudantes figuravam como um agente nas moradias da quadra, de noite sua presença era estranhada, se tornando um foco de atenção na medida em que se apresenta como uma figura deslocada na composição social do espaço. Como se nota, isso não significa que ali há uma gentrificação que afasta os estudantes e recepciona

15 Chamado Barzin, que visitamos antes do movimento da conveniência se intensificar. Nele, ficamos entre às 22h30 e 01h30 da manhã.

jovens *playboys* em tribos automobilizadas. Pelo contrário, os estudantes são interpretados como pertencentes às elites, aos “outros”, e com efeito, aquele era um espaço não-gentrificado, por definição daqueles que ali frequentam e compõem os rituais e as identidades que dele são produzidas e nele se expressam.

Ao longo de nossa presença naquela conveniência, foi possível identificar – seja pelas conversas paralelas que ouvíamos, seja pelos relatos dos clientes com quem conversamos – que sua clientela era composta majoritariamente por pessoas que não habitavam o Plano Piloto. Em dado momento Márcio apontou para algumas mesas, dizendo que ali todos eram “pé-rapados que querem pagar de *playboy* só porque bebem no Plano”. Suas queixas em voz alta despertaram um burburinho na conveniência, que já estava lotada, e uma briga de bar pareceu estar cada vez mais iminente, o que motivou o fim da nossa última visita à quadra.

No fim, pareceu candente que a noite na CLN 412/413 se trata de um espaço social em disputa, onde os conflitos entre identidades conformam mundos paralelos que coexistem e se interpenetram. Há uma ideia comum sobre o *status* deste espaço: um lugar das classes médias-altas do Plano Piloto. Porém, no nível das identidades dos “invasores” da madrugada, há diferentes assimilações e instrumentalizações deste *status*. Enquanto alguns, como Márcio, vêem uma forma de afrontamento de um *ethos* elitista, desafiado pelos periféricos, outros veem no consumo no espaço uma forma de ascensão simbólica – os “pé-rapados que querem

pagar de *playboy*”.

Essas duas formas de significar o espaço social coexistem de maneira conflitante. Mesmo assim, ambas demonstram (novamente) uma renovação social por grupos de menor renda, que entram no espaço numa lógica inversa ao modelo de gentrificação, que tem como principal fator a incorporação dominante de grupos de maior renda no espaço. Assim, também se revela em contrário ao deslocamento diário – e diurno – dos trabalhadores da região de Brasília, que em vez de se dirigirem às cidades dormitório (periferia) após o horário de trabalho, permanecem ou acessam o Plano Piloto (centro) para seu lazer.

Comparada com o dia, a noite na quadra é totalmente diferente. A noite é o período em que “*playboy* não cola”. O público é seletivo e frequente, e se configura numa dinâmica que inverte o fluxo de pessoas de baixa renda, que agora adentram cada vez mais a quadra para *consumir*, quando de dia o consumo é voltado para as classes-médias e elites. Com efeito, os agentes identificados como parte dessa elite são constrangidos quando identificados durante a noite.

A reação dos estabelecidos: o controle e estigma sobre os andarilhos e as prostitutas

As identidades de grupos sociais são construídas em processos relacionais com outros grupos, mediante assimilação cultural de similitudes e, principalmente, antagonismos, que demarcam as continuidades e as fraturas sociais entre eles. Esse processo de

significação espelhada entre o “nós” e “os outros” – objeto tradicional tanto na Antropologia como na Sociologia –, pode ser percebido e analisado não apenas em termos macroestruturais (históricos, por exemplo), mas nas relações cotidianas que demarcam rivalidades morais específicas e disputas situadas em espaços sociais circunscritos. O caso da subseção anterior demonstra essa dinâmica no interior das disputas identitárias e simbólicas dos *outsiders* noturnos entre si. Agora, procuramos demonstrar como essas disputas também se configuram entre os *outsiders* e os *estabelecidos* na quadra.

Em resumo, foi possível notar um processo de segregação visando forçar o deslocamento ou apagar a presença dos grupos de menor renda – e suas sociabilidades – da quadra.

É o caso de Bruna, dona de uma “casa de massagem” recém instalada no subsolo da quadra. Enquanto conversávamos com o zelador de um prédio da 412, o acompanhamos pelo subsolo e lá observamos uma sala com portas de vidro cobertas por uma película branca opaca e uma campainha. Uma funcionária de uma *pet shop*, que ficava de frente para esta sala, nos informou que ali ficava uma casa de massagem e especificou, rindo, que “é aquele tipo de massagem, *sabe?*”. Tentamos conversar com o zelador sobre a casa de massagem e isso gerou um desconforto tamanho, que o fez encerrar às pressas nosso diálogo. Mesmo assim, conseguimos voltar ao local sem a presença do zelador, e tocamos a campainha. De lá saiu

uma mulher que aparentemente encerrara seu expediente e, por isto, solicitou que voltasse dois dias depois, às 17h, para falar com quem estivesse naquele horário.

Voltamos e quem estava naquele horário era Bruna, a dona da casa de massagem que de pronto nos perguntou “e no quê que isso [a entrevista e a pesquisa] vai prejudicar a gente aqui?”. Após tomar conhecimento de todo o escopo do estudo, concedeu a entrevista e revelou uma série de dificuldades que “assumir sua vida” trazia¹⁶:

eu mantive segredo por muito tempo, mas quando assumi esse ponto, as coisas começaram a dar certo, o dinheiro entrava, eu comecei a ajudar mais minha família. [...] Agora, eu mesma não consigo usar esse dinheiro que eu ganho. Eu já tive que mudar minha filha de escola, porque um coleguinha descobre, ou os pais descobrem e começa toda aquela coisa do *bullying*. Eu vou num restaurante aqui da comercial, com dinheiro, eles me olham com nojo, já me conhecem e não querem me atender.

Assim como Bruna tinha dificuldade de acessar os serviços que a quadra proporciona, além das dificuldades que o preconceito com seu trabalho gera para toda a família, a conveniência que anima a vida noturna no local também sofria diversos ataques, de todos os lados da quadra. O que começava na forma de relatos sobre o barulho do local, terminava com um atestado de reprovação de um lugar completamente divergente das regras implíci-

16 Ao fim da entrevista, Bruna concordou e incentivou a disseminação do conteúdo no artigo, sugerindo, inclusive, que um estudo mais aprofundado fosse organizado para investigar as atividades profissionais do sexo/prazer no Plano Piloto.

tas daquela cultura urbana. Em certos momentos, nós pesquisadores estávamos em lugar de destaque devido à diferença de nosso perfil frente ao dos consumidores usuais dos restaurantes e cafés, expondo um estilo tipicamente universitário, com mochila, calça jeans, camisa de estampa com mensagens políticas, cabelo longo, encaracolado e brinco. E isto evidenciava a maneira arisca com que o público nativo, seja de dia ou de noite, percebia a presença de *outsiders*.

Neste sentido, Bruna lembrou o caso de um homem que se sentiu desconfortável por ter sido notado por nosso grupo como um dos clientes da casa de massagem. Apesar dela considerar esse padrão comportamental uma “verdadeira hipocrisia”, Bruna ponderou que, por outro lado, o movimento de clientes que se consolidou ali é discreto, não incomoda os moradores, o zelador nem a síndica, que ao contrário do público geral, se mostrou empática com o propósito e a situação de Bruna.

Ela havia comprado o ponto há pouco tempo e falar sobre o estabelecimento recém adquirido fazia brilhar seus olhos. Entre uma fala e outra, mostrava fotos de itens que havia comprado para melhorar o serviço prestado e foi possível depreender de sua fala que, por anos, ocupou posições subalternas em alguns pontos de prostituição, seja na “pista”, cujo ponto referencial é a avenida W3 Norte, seja em outros tipos de casa. Em ambos, a palavra “exploração” marcou seus relatos. Com efeito, o ponto no subsolo da CLN 412/413

representava para ela uma ascensão social, uma oportunidade de trabalhar com mais dignidade e conseguir mais recursos para a sua família, melhorando a qualidade de vida.

Em verdade, a exploração dos serviços sexuais naquela casa de massagem e a referência da prostituição brasiliense, a avenida W3 da Asa Norte, é muito diferente. Apesar da diferença entre o dia e noite serem notórias¹⁷, em ambos os locais, enquanto as atividades na W3 começam após às 19 horas (SILVA, 2016), na 412/413 elas se encerravam às 21 horas. A exposição das mulheres na W3, num tipo de atividade sexual de “pista”, onde as mulheres ficam à espera de carros na calçada, numa espécie de vitrine de *drive thru* (Ibid., p. 75), nem se compara com a discricção da casa de massagem, tanto para a profissional como para o cliente.

Deste modo, a casa de massagem oportunizava não só uma forma de prostituição anônima, como mais protegida da violência que marca o trato com os “cafetões”, comuns na prostituição de rua. Essas diferenças se revelam na administração ou na gestão do trabalho. A despeito de a direção do estabelecimento ser enquadrada legalmente como cafetinagem, a atividade de um cafetão na W3 está orientada para a supervisão e vigilância das mulheres (Ibid., pp. 73-74), enquanto na casa de massagem, se dá na administração e coordenação das agendas das “garotas”. Além de um patamar mais alto de valorização monetária do serviço na casa de massagem.

17 A diferença entre dia e noite nos dois locais também se manifesta de maneiras diferentes: “durante a semana, a W3 Norte é bastante movimentada de dia, com comércio de rua intenso”. (SILVA, 2016, p. 66) Na 412/413 ocorre o contrário, o que talvez contribua para que os horários de funcionamento dos estabelecimentos de serviço sexual tenham horários quase invertidos.

Bruna ressaltava como a casa de massagem lhe dava a oportunidade de assumir uma posição mais favorável em sua vida, e ainda proporcionar uma experiência mais justa para as mulheres que trabalham para e com ela. Esta ideia era recorrente em sua fala:

eu admiro muito todas as meninas que fazem pista. [...] Todo o perigo que elas passam, toda a humilhação e isso pra ganhar 50, 60 reais no programa. Eu conheci meninas muito jovens, [...] que foram espancadas num programa, que o cliente fez necessidade nelas. Eu tinha uma conhecida que trabalhava num hotel perto do Brasília Shopping. [...] Um dia essa menina subiu com um homem. Depois de um tempo, o homem desceu e ela não. Dias depois, abriram o quarto dela e ela tava morta. Tinha sido enforcada. Agora, um caso desse nem chega na polícia. Então, hoje eu posso proporcionar segurança pras minhas meninas, posso garantir o respeito, o dinheiro, sabe? Então assim, a qualquer momento um homem doido pode querer fazer alguma coisa com a gente, então não tem dinheiro que paga isso.

Era clara a visão de que a prostituição deveria ser uma alternativa temporária para a ascensão social, porém, a oportunidade de gerir um ponto de prostituição na 412/413 trouxe as condições perfeitas para isso: “aqui frequenta um público mais classe média alta, né. Quando eu cheguei, que vi essa quadra, eu já falei pras meninas que poderia aumentar o valor pra 300 reais”.

Aqui temos um exemplo de como o *status* elitizado que a quadra carrega de sua origem estava sendo instrumentalizado por pessoas oriundas de fora do Plano Piloto. O caso mostra que há uma apropriação dos lucros do capital simbólico gentrificado, próprio da quadra, por parte não apenas da elite ou classe média-alta, mas também de trabalhadores e das classes baixas.

Entre estes diferentes espaços, haviam ainda aqueles *outsiders* caracterizados pela falta de um: os andarilhos/moradores de rua. Ocupantes da quadra durante a noite, eles vagavam pelos consumidores para pedir doações em dinheiro, bebida ou comida. Alguns vendiam confecções artesanais, pedras e *souvenirs* de cidades místicas que diziam ter visitado. Na perspectiva dos comerciantes e de seus funcionários, essas pessoas representavam um risco iminente e constante. Entretanto, enquanto os comerciantes buscavam amenizar tal risco por meio de uma convivência pacífica, os moradores tinham dificuldade em se relacionar com os pedintes. Uma atendente nos relatou: “aqui nessa quadra também tem que saber se relacionar com os moradores de rua e os andarilhos. Nós sempre ajudamos eles e isso incomoda o pessoal do prédio, mas por causa disso, nunca tivemos problema com esse pessoal”.¹⁸

Quando visitamos uma loja de produtos sexuais (*sex shop*) na quadra, a vendedora nos relatou como este risco das pessoas em situação de rua se concretizava no cotidiano. Seu expediente terminava às 20h, já no começo das movimentações da vida noturna da quadra. Em seu relato, ela afirmou que

18 Todos os comerciantes relatam se espantarem com o crescimento dos andarilhos nos últimos tempos e associam esse aumento ao desenvolvimento de uma estratégia mais “gananciosa” de obter recursos, recusando as marmitas que lhes eram oferecidas. Com efeito, é interessante notar que não citaram a pandemia ou a crise econômica, mas a ganância.

pelo fato de trabalhar em uma loja de artigos sexuais, os andarilhos se sentiam à vontade para dirigir a ela as mais diversas importunações de cunho sexual e, desde que começou a trabalhar naquela loja, já havia sido diretamente assediada pelo menos duas vezes.

Um dos mecanismos desenvolvidos para lidar com os andarilhos e pessoas em situação de rua, além da entrega de marmitas, era a contratação de outras pessoas em situação de vulnerabilidade para que vigiassem e impedissem que passassem por dentro do perímetro dos restaurantes. Geralmente essas pessoas eram as mesmas que trabalham no controle das vagas de estacionamento na rua, os famosos Flanelinhas. Um deles informou que, em troca do serviço para os restaurantes, recebia restos de pizza e dinheiro.

Apenas após as visitas conseguimos discernir os discretos mecanismos cotidianos que funcionavam para controlar e isolar figuras indesejadas. De certa forma, esses mecanismos de segregação também fazem parte das técnicas de obtenção de lucros (financeiros e simbólicos) do espaço social, que os novos moradores e os pequenos comerciantes procuram.

Os segundos andares e os subsolos dos prédios, junto da vida noturna ligada à conveniência, representam um fluxo de fora para dentro de pessoas de classes baixas ao espaço social da quadra. Com efeito, demonstram que a gentrificação na quadra é muito mais complexa e plural do que os olhos dos consumidores podem perceber.

5. Considerações Finais

Conclui-se que, apesar de haver um reinvestimento de capital na origem da

ocupação da quadra, por parte de empreendedores que buscavam se utilizar da valorização imobiliária trazida pelo Parque Olhos D'Água, o ciclo de reinvestimento de capital atual tem também como foco o movimento de trabalhadores que buscam morar próximo de seu trabalho e de estudantes que buscam viver nos arredores de instituições de ensino. Com condições financeiras limitadas, estes grupos têm acessado as salas comerciais adaptadas e os subsolos dos prédios.

Vale lembrar que ainda existem empreendimentos elitizados sendo implantados na quadra, mas estes hoje são minoritários, prevalecendo porém aqueles já instalados há alguns anos. A conveniência e a casa de massagem representam empreendimentos completamente diferentes destes anteriores e dos originais. Agora, são consumidos por classes populares, que ao trazerem consigo novas sociabilidades, são vistos como problema local, principalmente para aqueles que já estão ali antes de sua chegada.

O movimento de novos moradores, que buscam aluguéis mais acessíveis, tem configurado uma renovação social na quadra, mas ao contrário do previsto por nosso aparato teórico, esta renovação social se dá por um grupo de menor renda do que os ocupantes anteriores. O que eram consultórios, clínicas e escritórios, hoje são salas disputadas por estudantes, zeladores e outros agentes das classes populares. A quadra, que atraía uma camada da elite de Brasília, continua atraindo este público, mas agora também atrai moradores e consumidores oriundos de fora do Plano Piloto. O aumento do fluxo de andarilhos e de pedintes, relatado pelos comerciantes, deve ser igualmente conside-

rado como uma evidência deste fluxo social contrário ao tipo ideal de gentrificação.

As mudanças na paisagem física eram totalmente representadas pela decoração e *design* dos restaurantes e dos cafés de luxo, o que ainda argumenta a favor da existência de um processo de gentrificação, porém, o que inferimos nesta pesquisa é que a dinâmica social interna ao espaço social analisado é mais complexa do que se pôde prever. Evidenciado pelos ocupantes cotidianos da quadra, que têm identificado o *status* (material e simbólico) que ostenta e, então, buscam se apropriar dele em benefício próprio, aspirando ascensão social, prestígio e/ou melhores condições de vida.

Embora não seja nosso objetivo, podemos ressaltar que resta ainda uma hipótese para as causas dessa característica contraditória no fluxo do processo de gentrificação da CLN 412/413: é possível que a desvalorização das salas seja um efeito causado pela pandemia do coronavírus e, conseqüente, da crise econômica, além das mudanças no campo dos serviços, com maior autonomização e prestação virtual de serviços depois da pandemia da Covid-19, atingindo diretamente a demanda por espaços físicos como escritórios e consultórios. Fora de nosso alcance, para testar tal hipótese, é necessário estudos que relacionem essas inferências microsociológicas e suas causalidades macrosociológicas e econômicas.

Ao contrário do que esperávamos, não encontramos uma quadra gentrificada, em seu sentido literal e estrito; encontramos um espaço social complexo e diverso, plural, no qual presenciemos espécie de tecnologias/mecanismos das elites, tanto em se renovar – alcançando

novos lucros – como em manter o controle sobre o espaço *apesar* de transformações que, em tese, poderiam ameaçar a dominação simbólica da quadra. Esses mecanismos se expressam sob uma estética que propaga os fetiches luxuosos e do consumo exclusivo/diferenciado, mas escondem mecanismos sociais de exclusão e de segregação, que por sua vez garantem uma exploração dos mais pobres por meio da reestruturação de espaços sem afetar o *status quo*.

Com isto, a gentrificação é visível, mas não é óbvia. A análise nos mostrou como os mais pobres podem, inclusive, se aproveitar desses mecanismos e seus lucros, embora sejam, eles mesmos, alvo e vítimas: relegados para as franjas do espaço físico, alimentando-se das migalhas dos lucros simbólicos do espaço – o que, mesmo assim, ainda significa uma ascensão social que propicia maior qualidade de vida frente a dura realidade das periferias. Com efeito, indicamos que a *incidência eficaz de mecanismos de manutenção de um status quo elitizado* é um fator a mais a ser levado em conta em análises microsociológicas sobre o fenômeno da gentrificação, tomada enquanto variável independente ou elemento contextual.

De qualquer forma, ao contrário do que previmos como hipótese, há uma ascensão de sociabilidades populares e peculiares das classes médias e baixas, porém escondida dos olhares dos consumidores das elites, cujos recursos alimentam boa parte da vida material e simbólica da quadra CLN 412/413.

Referências Bibliográficas

BECKER, H. “A Escola de Chicago”. In: **Mana**. Estudos de Antropologia Social. Volume 2, número 2, outubro. Rio de Janeiro: PPGAS/ MN/ UFRJ. p. 177-187, 1996.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. **Estudos avançados**, n. 27, v. 79, 2013.

_____. The forms of capital. In: **The sociology of economic life**. Routledge, 2018. p. 78-92.

CALDEIRA, T. “Segregação Urbana, Enclaves Fortificados e Espaço Público”. In: **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000, p. 211-342.

CLARK, E. The order and simplicity of gentrification – a political challenge. In: **Gentrification in a global context: the new urban colonialism**. Oxon: Routledge, 2005, p. 256-264.

DA GUIA, G. **Políticas territoriais, segregação e reprodução das desigualdades socioespaciais no aglomerado urbano de Brasília**. Universidade de Brasília, 2006.

FLICK, U. Entrevista Episódica. In: BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2003, pp. 114-136.

GOMES, Gustavo Henrique. **Parque ecológico de uso múltiplo Olhos D’Água: situação atual e importância para o lazer da comunidade**. 2004. 59 f. Monografia (Especialização em Ecoturismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

GUELLATI, Y. **Os jovens em seu bairro: efeitos de bairro e sociabilidades juvenis no município de Águas Lindas de Goiás**. Dissertação (Mestrado em Sociologia), PPGSOL, UnB, 2014.

GUIMARÃES, S; ALMEIDA, R. Brasília entre discursos modernistas e usos contemporâneos do espaço urbano: notas sobre processos de gentrificação na capital federal brasileira. In: **XI Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo, Barcelona-Santiago de Chile, junio 2019**. Departament d’Urbanisme i Ordenació del Territori. Universitat Politècnica de Catalunya, 2019.

HOYT, H. **One hundred years of land values in Chicago**. University of Chicago Press, 1933.

_____. The pattern of movement of residential rental neighborhoods. *In: The Structure and growth of residential neighborhoods in American cities*. Washington: Federal Housing Administration, 1939, p. 114-122.

LEES, L.; SLATER, T.; WYLY, E. **The gentrification reader**. New York: Routledge, 2010.

LEY, D. Gentrification and the Politics of the new middle class. **Environment and planning D: Society and Space**, n. 12, p. 53-74, 1994.

MAGNANI, J. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **RBCS** vol. 17 nº 49, p: 11-29, 2002.

OLIVEN, R. A cidade como categoria sociológica. *In: Urbanização e Mudança Social no Brasil*. Editora Vozes, 1980.

ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 13ª. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

PACHECO, M. **Gentrificação em Brasília: transformações urbanas na produção do espaço metropolitano de Brasília**. 2020.

PARK, R. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. *In: VELHO, O. G. O fenômeno urbano*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 26 - 67.

SILVA, C. **Narrativas sobre a prostituição feminina na W3 norte: construindo um dispositivo**. 2016.

SMITH, N. **La nueva frontera urbana**. Ciudad revanchista y gentrificación. 1. Ed. Madrid: traficantes de sueños, 2012.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, p. 153-155, 2007.

WACQUANT, L. **Os condenados da cidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

_____. O que é gueto? **Rev. Sociologia e Política**, Curitiba, 23, p. 155-164, nov. 2004.

WIRTH, L. **O urbanismo como modo de vida**. In: VELHO, O. G. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 90-113.